

As mãos na interação do indivíduo consigo e com o mundo: uma reflexão em prol da reabilitação “física”

The hands in the interaction of the individual with himself and the world:
a reflection in behalf of the “physical” rehabilitation

Las manos en la interacción del individuo con su propio ser:
una reflexión a favor a la rehabilitación “física”

Telma Alves de Almeida Fernandes Leite*

RESUMO: Neste artigo procurou-se refletir sobre a essência da reabilitação “física”, utilizando as mãos como exemplo. A metodologia aplicada foi a do levantamento bibliográfico relativo ao assunto, tanto nas áreas de reabilitação, terapia ocupacional e paradigma holístico quanto nos pressupostos de outras áreas do conhecimento, coletando de cada uma delas materiais imprescindíveis para uma reflexão mais profunda, a fim de alcançar uma concepção maior que ofereça base para a práxis de profissionais da área de reabilitação. Assim, o método, nesse trabalho de reflexão, deixa de ser instrumento e se identifica com o movimento da própria consciência. Observando a evolução das práticas de saúde percebe-se que elas iniciaram com uma visão mais integral do ser humano interagindo com seu meio. Aos poucos esta visão foi dando lugar ao paradigma reducionista e hoje pode-se notar um empenho para a retomada da visão holística. Observa-se que habilitar ou reabilitar, muito além de favorecer a habilidade para a função mecânica, significa propiciar condições para o indivíduo desenvolver habilidades, atitudes e valores que possam refletir a ação consciente como um processo contínuo e dinâmico de constituição da identidade do sujeito historicamente contextualizado. Percebe-se que além de estudar anatomia, biomecânica, cinesiologia e outras disciplinas que se referem ao físico, é de fundamental importância compreender que a atividade humana não se resume a movimentos mecanizados, estabelecidos por um corpo que percorre um espaço fixo, objetivo, e sim relações dialéticas que brotam de sua essência, da união com a subjetividade que a anima.

DESCRITORES: Reabilitação, Saúde holística, Terapia Ocupacional

ABSTRACT: In this article one made efforts to reflect on the essence of “physical” rehabilitation using the hands as an example. The applied methodology was a bibliographical survey, relative to the subject both in the areas of Rehabilitation, Occupational Therapy and the holistic paradigm and on the assumptions of other areas of knowledge, gathering from each area material essential for a deeper reflection in order to reach to a broader conception, one that offers a basis for the praxis of professionals of the rehabilitation area. Thus, the method, in this work of reflection, stops being an instrument and it identifies itself with the movement of consciousness itself. Observing the evolution of health practices one perceives that they had begun with a more integral conception of the human being interacting with the environment. Gradually this conception was overcome by the reductionistic paradigm and today a persistence can be noticed on going back to the holistic conception. It is observed that to qualify or to rehabilitate means going far beyond favoring the ability for the mechanic function, it means creating conditions for the individual to develop abilities, attitudes and values that can reflect conscious action as a continuous and dynamic process of constitution of the identity of the subject historically contextualized. One perceives that besides studying Anatomy, Biomechanics, Kinesiology and others discipline that refers to the physical, it is critical to understand that human activity goes beyond mechanized movements established for a body that occupies an objective, fixed place in space, but establishes dialectical relations that sprout from its very essence, from the union of the subjectivity that enlivens it.

KEYWORDS: Rehabilitation, Holistic health, Occupational Therapy

RESUMEN: En este artículo se ha mirado reflejar sobre la esencia de la rehabilitación “física” usando las manos como ejemplo. La metodología aplicada fue el examen bibliográfico concerniente al tema, tanto en el área de rehabilitación de la Terapia ocupacional y paradigma holístico como sobre los fundamentos de otras áreas del conocimiento, recogiendo de cada área materiales esenciales a una reflexión más profunda para alcanzar una concepción más grande que ofrezca la base para la praxis de profesionales del área de rehabilitación. Así, el método, en este trabajo de reflexión, se convierte en instrumento y se identifica con el movimiento de la propia conciencia. Observando la evolución de las prácticas de salud uno percibe que se han iniciado con una visión más integral del ser humano que en interacción con su medio ambiente. Esa visión ha sido gradualmente sustituida por el paradigma reduccionista y se puede observar hoy una persistente tendencia de retorno a la visión holística. Se observa que habilitar o reabilitar significa mucho más que favorecer la capacidad del individuo respecto la función mecánica, significa al fornecrle las condiciones para desarrollar capacidades, actitudes y valores que pueden reflejar la acción concienzuda como proceso continuo y dinámico de la constitución de la identidad del sujeto contextualizado históricamente. Uno percibe que además de estudiar la anatomía, la Biomecánica, Cinesiología y otras disciplinas que están relacionadas al físico, es de vital importancia entender que la actividad humana no se resume a los movimientos mecanizados, establecido para un cuerpo que cubre un espacio fijo, objetivo, pero sí hay una dialéctica de las relaciones que brota de su esencia, de la unión con la subjetividad que le alienta.

PALABRAS-LLAVE: Rehabilitación, Salud holística, Terapia Ocupacional

*Terapeuta Ocupacional. Pós-graduada em Administração Hospitalar pelo Centro Universitário São Camilo. telmato@uol.com.br.

Para refletir sobre a essência da reabilitação "física" escolheu-se as mãos como exemplo por várias razões, dentre as quais ressaltamos: a) a vulnerabilidade das mãos aos mais variados tipos de traumatismos, conforme a constatação de Pardini (1990) de que "a mão é a porção mais lesada do corpo, já que participa da maior parte das atividades"; b) pelo fato de que a mão é o principal órgão do tato; c) pela importância das mãos nas atividades humanas, sejam elas atividades de vida diária, atividades de vida prática, trabalho, estudo, lazer, atividades esportivas e expressivas. Pardini (1990) ressalta que em diversas culturas a mão é sinônimo de comunicação, pois as mãos tomam parte em expressões de afeto, agressividade, amizade, fragilidade, oração, coação etc., e acrescenta que as atividades da vida diária, tais como alimentação, higiene e vestuário, dependem da função manual.

A reabilitação "física" se desenvolveu principalmente em função de reabilitar feridos de guerra. O termo habilitar, do latim *habilitare*, significa tornar hábil, capaz, competente, apto; fornecer ou prover do necessário; autorizar, possibilitar, liberar, permitir; preparar com algum objetivo. Portanto, reabilitar constitui a arte de favorecer a restituição da habilidade, da capacidade, da competência, da aptidão, da autorização, da possibilidade e da permissão que, por algum motivo, foram perdidas.

Durante o curso de Terapia Ocupacional estuda-se a mão de forma direta em diversas disciplinas, tais como anatomia, cinesiologia, fundamentos de ortopedia, terapia ocupacional aplicada à ortopedia, e de forma indireta na maior parte das disciplinas em que se pressupõe o uso do recurso terapêutico. Cabe ao estudante integrar todo esse conhecimento para aplicá-lo no momento de exercer sua profissão, descobrindo de forma crítica o real

sentido de suas ações, adotando uma postura reflexiva e ao mesmo tempo participante, ampliando as possibilidades como agentes de renovação e transformação do meio e desenvolvendo uma visão clara sobre a sua contribuição na totalidade do fenômeno humano. O presente artigo tem portanto, como proposta realizar uma reflexão que favoreça essa articulação.

O novo Código Civil, em conformidade com a Constituição Federal de 1988, estabelece que "homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações". Ao se referir ao ser humano em geral deve ser empregado o termo "pessoa" no lugar de "homem". Assim sendo, nesse trabalho foram usados os termos sujeito, pessoa ou indivíduo, salvo nas citações literais.

As mãos e a evolução do ser humano

Lançando um olhar ao processo evolutivo do ser humano pode-se perceber a importância das mãos. De acordo com as pesquisas antropológicas, o progresso da capacidade intelectual do ser humano ocorreu acompanhando o desenvolvimento do seu corpo, que ao assumir a postura bípede ganhou a liberdade de suas mãos e foi paulatinamente adquirindo a oponibilidade do polegar conquistando a capacidade de transformar a natureza e ao mesmo tempo transformar a si mesmo.

Ao refletir sobre a evolução, Graça (2001) propõe a seguinte pergunta: "O que foi mais importante, evolutivamente: a maior capacidade prensora humana ou o maior desenvolvimento cerebral específico?" Ele mesmo responde: "Ambos [...] em perfeito processo de interação. [...] O aperfeiçoamento das mãos, livres e prensoras gerou trabalho, que gerou maior desenvolvimento cerebral, que gerou maior capacidade de trabalho, que gerou maior aperfeiçoamento

das mãos". O autor postula que "não existe trabalho que não implique de um modo ou de outro, direta ou indiretamente, no uso das mãos. E é o trabalho que estabelece uma delimitação funcional nítida, orgânica entre o homem e os outros animais". Graça (2001) acrescenta que ambos, mão e trabalho, se desenvolvem "em interação evolutiva lenta (milhões de anos), complexa (muitos outros fatores estão em jogo) e perfeita. [...] E tendo como resultado último a produção de trabalho organizado". E conclui que:

"... Quanto mais se sobe na escala zoológica, na filogênese e na antropogênese, mais se observa o progressivo aperfeiçoamento anatomico-funcional das mãos e uma maior atividade prensora e/ou manual. Deste modo a mão não parece ser apenas uma ferramenta de trabalho, um órgão do trabalho, mas [...] fruto de trabalho e semente de trabalho, cultura e civilização."

O que vem ao encontro do pensamento de Kapandji (1990), ao afirmar que "a mão forma com o cérebro uma dupla funcional indissociável, em que cada termo reage dialeticamente sobre o outro", acrescentando que "é por meio dessa inter-relação muito próxima que o homem pode modificar a natureza segundo seus desejos e se impor sobre todas as outras espécies terrestres viventes".

De acordo com o contexto histórico, porém, foi se desenvolvendo o sistema de produção capitalista e a atividade humana na vida cotidiana, que se norteava pela satisfação das necessidades vitais respeitando o mundo natural, passou, segundo Gonçalves (1997) "a produzir apenas para a venda, adquirindo o trabalho valor de mercadoria".

A civilização ocidental separou o trabalho manual, que exige maior participação corporal, do trabalho intelectual, sempre mais valorizado. O trabalho manual foi realizado por servos, oficiais artesãos, escri-

vos e operários, ocupando uma posição inferior na hierarquia social. Gonçalves (1997) salienta que "os artesãos da Idade Média [...] ainda tinham uma ligação viva com seu trabalho, no qual imprimiam seu ser total. [...] na época do Renascimento, o homem ainda é criador e tem um vínculo direto com o produto de seu trabalho. A autora observa que "o operário moderno tornou-se indiferente em relação a seu trabalho, perdendo a ligação afetiva com o produto de suas mãos. As suas mãos e todo o seu corpo 'esvaziam-se' do espírito, para poder realizar maquinalmente a tarefa que lhes é imposta".

Comentando o taylorismo, Vázquez (1990) explica:

"...essa práxis repetitiva absoluta implica, em primeiro lugar, na destruição radical da unidade da consciência que projeta e da mão que realiza e, uma vez desespiritualizada esta última, na redução extrema de sua capacidade de formar ou adaptar-se a uma utilização infinitamente variada. A mão é privada de sua espiritualidade para poder converter-se num apêndice da máquina."

O autor salienta que "as mãos que trabalham maquinalmente, vazias de espírito, são mãos sem vida porque nelas não pulsa a inteligência do operário". Sobre este assunto Erich Fromm, apud Medina (1991), diz que "fizemos da produção um fim em si mesmo, ao invés de um meio para a felicidade; transformando-nos em parte das máquinas em vez de sermos seus senhores; somos bens à venda e nos alienamos do nosso verdadeiro eu". Refletindo sobre essa alienação, Vázquez (1990) reflete:

"... Para que a mão possa ser posta nessa relação de exterioridade é preciso que deixe de ser uma mão concreta, humana, e se torne [...] abstrata, indeterminada; é preciso

que seja idêntica à do outro e se encontre com outras num universo comum de ações perfeitamente medidas e definidas, tanto no que concerne à sua forma, quanto a seu ritmo e duração. [...] É necessário que minha mão não me pertença, que se separe dela tudo aquilo que minha mão a une à minha consciência."

O trabalho operário, conforme constata Gonçalves (1997), causa "graves conseqüências para o homem, no que diz respeito a sua integridade física e psíquica [...] pela realização de movimentos mecanicamente repetitivos." Para Vázquez (1990), mesmo a mão do operário existindo e atuando fisicamente ela não existe, pois a mão não é apenas parte do corpo, ela é parte do corpo movida pela consciência. O mesmo autor enfatiza que "ao separar a mão da consciência, o trabalho em cadeia nada mais faz que aprisionar a mão humana, escravizá-la e alterar assim radicalmente seu destino como laço de união entre o homem e as coisas, entre a consciência e a matéria".

Avaliando a importância do trabalho significativo para o sujeito, Marx, apud Gonçalves (1997), afirma que "por meio do trabalho criativo o corpo humano se humaniza. As mãos [...] realizam um projeto da consciência, revelando sua íntima união com o corpo. A mão [...] dá aos objetos [...] uma significação humana."

Já a sociedade pós-industrial, caracterizada pela lógica, pela alta tecnologia em informática e pela realidade virtual gera um mundo programado, codificado, onde o indivíduo é simbolizado por números. Bruhns (1993) chama atenção para o fato de que não só o trabalho, mas também o lazer vem sendo contaminado por brinquedos e jogos eletrônicos em que o jogador "deve adaptar seus movimentos em função de exigência do programa, resumindo-se em apertar botões e manipulá-los, bem como

deve adaptar-se com a pressão exigida para coordenar o que aparece no vídeo", e acrescenta que "quanto maior a submissão do jogador, maiores serão as recompensas, pois do contrário corre-se o risco de derrota. Tudo isso sem o mínimo espaço para questionamento, reflexão e discussões sobre concordância e discordância".

Essa inatividade é uma cessação não só dos exercícios musculares e combinações nervosas que constituíram a vida normal do homem antes da revolução tecnológica, é também a cessação dos processos mentais formadores ou criadores, que mesmo no nível mais simples do artesanato, ou tarefas manuais, engajava a vontade numa ação positiva e produtiva. (Araújo, apud Vaz, 1993)

A evolução na área da saúde

As práticas de saúde foram acompanhando o processo de mudanças socioculturais, de início de formas mais integradas com a natureza, mas aos poucos cedendo campo à visão biomédica, à especialização e à alta tecnologia.

No início o ser humano estava mais em contato com a natureza, e saúde significava portanto, estar em harmonia com aquela. Para tanto, quando se desequilibrava buscava recursos naturais para o seu reequilíbrio. Tanto que a medicina medieval, de acordo com Sant'Anna (1996), privilegiava a saúde do corpo em equilíbrio com o universo e desconfiava dos cirurgiões por infringirem esse equilíbrio¹.

A princípio, ciência e filosofia caminharam juntas, com ambas se dispondo a estudar a totalidade. No século XVII Galileu promoveu a revolução metodológica, iniciando a linha do raciocínio lógico formal, separando não só a ciência da filo-

1. A palavra cirurgia veio do grego *cheirourgia*, em que o prefixo *cheir* significa mão, ou seja, uma intervenção feita com as próprias mãos.

sofia, mas subdividindo também as ciências em física, química, biologia etc. A idéia de Galileu era dividir as áreas do conhecimento para que cada uma se aprofundasse em sua especialidade, supondo que isso contribuiria para a evolução do conhecimento como um todo. O conhecimento aumentou, mas o resultado não foi o esperado. Paradoxalmente, segundo Mezzomo et al (2003), assiste-se ao agravamento da ignorância do todo enquanto avança o conhecimento das partes.

Quando a ciência começou a estudar o ser humano ocorreu um fenômeno: ela tomou o sujeito como objeto de estudo, amputando o corpo do subjetivo, do humano. Acompanhando a era industrial, o corpo passou a ser visto como uma máquina. Estabeleceu-se o paradigma mecanicista, cujo exemplo nos é oferecido por Germain (1992), quando afirma que “a mão é uma ‘ferramenta’ muito aperfeiçoada”. O termo ferramenta reflete uma visão mecanicista, na qual o corpo é analisado como uma máquina. Saúde passou a ser sinônimo de bom funcionamento da máquina. Discordando de tal modelo de pensamento, Porto (2000) afirma que “Estar vivo é para mim muito mais que ser uma ‘máquina’ que funciona em ‘perfeito’ estado”. Kielhofner (1987) complementa defendendo a importância dos estudos, salientando porém que “todo o conhecimento que nós ganhamos sobre o corpo como um objeto tem nos distraído de compreender o corpo como um sujeito”.

Com o advento da especialização a pessoa que já havia sido subtraída de sua faceta subjetiva, que já estava sendo vista como uma máquina, foi fragmentada em peças diante dos especialistas. O que remete à afirmação de Vieira Filho (1994): “A excessiva especialização divide o cliente em ‘peças’ isoladas umas das outras. Ignorando que toda pessoa é um indivíduo, ou seja, um não-divisível (in = não; dividuo = divisível)”.

A visão reducionista levou o profissional da saúde a concentrar sua atenção muito mais na doença do que no sujeito, e este enfoque passou a identificá-lo muito mais com o “profissional da doença”, “preconizando conseqüentemente”, segundo Di Biasi (1995), “uma terapêutica voltada apenas para aspectos parciais da patologia em questão”. Winnicott (1999) menciona que “através do estudo da doença chega-se ao conhecimento de muitas coisas importantes a respeito da saúde. Mas a noção médica de que a saúde é relativa ausência de doenças não é suficientemente boa”.

Somando esses fatores, a alta tecnologia, unida ao saber científico, criou o mito do progresso. Na prática, porém, a tecnologia não trouxe apenas benefícios, mas também prejuízos, que precisam ser ponderados, principalmente nas relações humanas. Gonçalves (1997) observa que “o avanço tecnológico, por sua natureza ambígua, ao mesmo tempo em que permite a liberação do homem de inúmeros condicionamentos, escraviza-o às múltiplas determinações que seu desenvolvimento impõe”. E Gallian (2001) reforça essa noção, quando afirma que “a crença na panacéia científico-tecnológica da atualidade, por um lado impulsiona a evolução do conhecimento, mas por outro o bloqueia, hipertrofiando certas dimensões da verdade em detrimento de outras”.

O foco de muitos profissionais passou a ser o equipamento, e o conceito de saúde passou a ser a obtenção dos resultados de exames laboratoriais e de imagem dentro dos parâmetros estabelecidos. Conforme Berrinelli, Waskiewicz, Erdmann (2003) nota-se um forte interesse em conhecer e manusear “equipamentos sofisticados, possuidores de um valor mítico que, às vezes, deslumbra o profissional, sobretudo [...] confere certo status no ambiente hospitalar, criando uma imagem de profissional qualificado”.

Diante da percepção dessas transformações de valores, é possí-

vel, por exemplo, entender o fenômeno que vem ocorrendo no qual cada dia mais terapeutas ocupacionais abdicam das atividades manuais criativas em favor de outras mais objetivas, muitas vezes atraídos por elas por serem tidas como mais “científicas”. Por outro, existe a cobrança do usuário que convive nessa mesma cultura, traduzido por Pessini et al (2003) como sendo uma era de “insatisfação com a simplicidade da vida”. Entretanto, o próprio usuário, se observado mais profundamente, evidencia seu descontentamento e anseio por mudança. Sem dúvida, todo o desenvolvimento da tecnociência e o conhecimento do especialista diante dos desafios atuais são importantes, porém, é imprescindível que no lidar com o ser humano se alie às raízes filosóficas dos princípios bioéticos.

A visão reducionista na reabilitação da “mão”

A visão reducionista divide o corpo em cabeça tronco e membros, sendo que a mão é a porção distal do membro superior. Esta divisão é útil aos estudos anatômicos, porém, ao escrever sobre reabilitação alguns autores se restringem à mão, sem ao menos mencionar a importância do membro superior. Outros, como os citados a seguir, enfatizam a importância do membro superior — cintura escapular, coluna cervical e no máximo do tronco —, evidenciando uma visão um pouco mais ampla, mas ainda deixando a desejar em relação às visões sistêmica, holística ou biopsicossocial.

Vollet, Nadri (1999) afirmam que “a incapacidade funcional [...] vem merecendo cada vez mais uma abordagem terapêutica exclusiva [...] que deve partir de uma avaliação específica [...] de todo o membro superior, para [...] determinar o programa de tratamento necessário”.

Conforme salientam Backhause, Hutchings (1989) *"não é razoável considerar a mão sem também considerar a necessidade de o membro superior posicioná-la para a função"*.

Hoppenfeld (1999) ressalta que *"Visto ser possível os sintomas serem referidos à mão, mas originários de outras áreas do corpo, o exame da mão requer a avaliação de todo o membro superior, bem como da coluna cervical"*. Dângelo, Fattini (1997) lembram que problemas articulares que afetam o membro superior prejudicam a eficiência da mão.

Segundo Tubiana, Thomine, Mackin (1996), o membro superior funciona como um vetor para a mão. Estes autores explicam que *"a mão funciona eficientemente somente se as articulações proximais do membro são estáveis, porém móveis; essas são orientadas de forma que a mão esteja quase sempre sob controle visual"*.

Conforme enfatiza Cailliet (1976) *"A função precípua de todo o membro superior [...] é colocar a mão numa posição apropriada a seu funcionamento"*.

Macdonald (1998) argumenta que *"as mãos são colocadas em uso pelo movimento dos braços e o que elas fazem determina o padrão dos movimentos da cintura escapular e do braço, a sua direção, alcance e força"*.

Para Freitas (2000), *"todos os movimentos do ombro, cotovelo, antebraço e punho têm como objetivo a colocação da mão na postura mais conveniente para a função"*. Compartilhando dessa opinião, Freitas, Smith, Weiss, Lehmkuhl (1997) enfatizam que *"a colocação e estabilização da mão dependem do tronco, ombro, cotovelo e punho. Com os múltiplos graus de liberdade permitidos pela extremidade superior, a versatilidade de colocação da mão é alta"*.

Os autores estudados compreendem a importância do membro superior, porém, nota-se que não observaram o corpo como um todo, ficando evidente a exclusão do sujeito.

Mão objetiva-subjetiva

O ser humano desempenha diversas funções, realiza diferentes tipos de preensão e pinça, por este motivo a mão é bastante complexa. Sobre a função de preensão, Smith, Weiss, Lehmkuhl (1997) afirmam que *"a mão é capaz de apreender com forças que excedem 445 N ou 45 Kg, bem como segurar e manipular um fio delicado"*. E sublinha que a mão é utilizada para golpear, empurrar e pode até mesmo auxiliar na locomoção com cadeira de rodas ou muletas.

A percussão é outra maneira de utilizar as mãos. Pode-se usar os dedos para manipular calculadora, teclado de computador, piano ou apertar botões, funções nas quais os dedos funcionam individualmente como pequenos martelos. Pode também ser usada para golpear com o punho fechado, como no boxe, ou com a mão aberta com borda ulnar ou extremidades dos dedos, como no caratê, ou ainda com a mão aberta, como ocorre na bofetada. No entanto, o contato realizado pelo ser humano pode ser bem mais sutil, como no caso do carinho.

Além das preensões estáticas, Kapandji (1990) esclarece que existem preensões com ações, assunto de muito interesse de profissionais da reabilitação, em que a mesma mão que realiza a preensão também executa uma ação, em alguns casos essa ação pode ser mais simples, como, por exemplo, ao girar um pião com preensão polegar-indicador. Outras ações são mais complexas, *"com a mão efetuando uma ação refletida sobre ela mesma. Neste caso, o objeto mantido por uma parte da mão sofre uma ação proveniente de outra parte"*. Como, por exemplo, na ação de jogar uma bola de gude, de acender um isqueiro, de acionar uma bomba de aerossol, de cortar com a tesoura, de comer com palitos chineses, de fazer nó com uma só mão etc.

Com as mãos, o ser humano pode realizar uma infinidade de variações de preensões-ações e adaptar-se aos mais diversos usos. Vázquez (1990), refletindo sobre a mão, afirma:

"... sua plasticidade lhe permite imprimir forma a um objeto e também se deixa formar, de certo modo, pelo objeto que ela empunha. [...] Pelas mãos, o homem está em contato com as coisas e lhes dá forma; graças à mão a matéria não estabelece com o homem uma relação exterior. Com as mãos o homem toma suas, humaniza, as coisas e ele próprio, deixando-se tocar, adaptando-se à forma que elas têm, abrindo-se para [elas], consuma essa relação propriamente humana."

De acordo com Kapandji (1990, p. 282): *"Em certos casos, o contato das duas mãos pode desempenhar um papel terapêutico na imposição das mãos, e mesmo ser 'eficaz' à distância"*.

A influência da sensibilidade manual

A mão, além de ser um órgão de execução, é também, segundo Kapandji (1990), *"um receptor sensorial extremamente sensível e preciso, cujos dados são indispensáveis à sua própria ação"*. Bruno (1993) acredita que *"a visão exerce grande influência sobre os movimentos da mão e do corpo todo. À medida que a criança olha, aumenta sua atividade motora"*. Napier (1983), porém, enfatiza que *"... a mão humana [...] é o mais importante órgão do quinto sentido, o tato. Com o olho, a mão é a nossa principal fonte de contato com o meio ambiente físico. [...] A mão tem algumas vantagens sobre o olho porque pode observar o meio ambiente por meio do tato e, tendo observado, pode passar imediatamente a fazer algo adequado. [...] Ela é capaz de ver do outro lado de uma esquina e também de enxergar no escuro."*

Ao descrever as funções motora e sensitiva das mãos Tubiana, Thomine, Mackin (1996) afirmam que: *"Sua anatomia muito especializada expressa essas duas funções, que são, ambas, essenciais em nosso relacionamento com o meio ambiente"*. Bruno (1993) explica que *"a formação dos esquemas sensório-motores permite organização e estrutura da realidade através das experiências motoras e da capacidade de percebê-las, utilizando os órgãos sensoriais"*. Em seguida, esclarece que *"o conhecimento é construído através do vivido, do sentido e do significado que os objetos adquirem"*. E conclui que *"a ação, as vivências do mundo físico e as experiências de fazer coisas significativas e contextuais é que possibilitarão à criança, representar em nível simbólico"*.

Concordando com esse pensamento, Vázquez (1990) diz que *"pelas mãos, o homem está em contato com as coisas e lhes dá forma, [...] as mãos não só formam vencendo a resistência das coisas, como tocam, exploram, e [...] por seu contato com elas as coisas adquirem um significado humano"*.

De acordo com Kapandji (1990), a mão dá ao córtex cerebral a noção de superfície, de espessura, de peso, de distâncias e de temperatura. O autor afirma que ela é "o educador da vida", permitindo traduzir as informações captadas do meio, e diz ainda que sem a mão veríamos o mundo de forma plana, sem relevo. Enfatiza ainda que ela é a base da estereognosia, um sentido importantíssimo, que nos fornece o conhecimento do espaço, da espessura, da forma e do relevo. Conforme a pesquisa apresentada por Toyoda (1996), que girou em torno de indivíduos com comprometimento da sensibilidade manual em consequência da hanseníase, foi revelado que além do risco de acidentes o déficit sensorial dificulta o estabelecimento de contato:

- a) consigo — as pessoas vão perdendo o interesse em se tocar.
- b) interpessoal — evitam estender a mão ao cumprimentar as pessoas e.

c) com objetos — dificuldade na exploração tátil e, conseqüentemente, na manipulação de objetos.

Bruno (1993) lembra que "a apreensão é orientada pelo tato". Sacks (1997) ao citar casos de neuropatia grave decorrente de diabetes, explica que essa se "designa por neuropatia 'de luvas'", e relata que os pacientes podem se sentir como se tivessem perdido as mãos, referindo que seus braços "terminam em cotos, como montes de 'massa' ou 'gesso' de algum modo 'grudados' em seu corpo". Sacks (1997) denomina esse sentimento de "desrealização" e conclui que *"é crucial fazer com que esses pacientes usem as mãos, [sendo permitido.] [...] se necessário, até recorrer a 'truques' para levá-los a isso. Assim tende a ocorrer uma súbita 're-realização' — um súbito mergulho de volta à realidade e 'vida' subjetiva"*.

Como explica Bobath (1978), *"pacientes com grave deficiência da sensibilidade não apresentam o ímpeto para movimentar-se freqüentemente, apesar de terem somente uma espasticidade moderada"*. Ele afirma que muitos pacientes têm sensibilidade nos pés, mas não nas mãos, e acredita que isso ocorra porque desde cedo o paciente é incentivado a andar "ao passo que a mão pode nunca ser utilizada". Percebe-se que este desafio de "convidar" o indivíduo a explorar o mundo com as mãos é uma proposta de extremo valor no trabalho de reabilitação.

O gesto

O gesto constitui uma forma universal de comunicação humana e as mãos participam da maioria das expressões gestuais, fato que exige dos profissionais da reabilitação uma reflexão mais aprofundada, por representar uma forma de comunicação de natureza extremamente subjetiva.

A cinesiologia é definida como o estudo do movimento humano,

porém, discordando dessa definição, Almeida (1999) afirma que a cinesiologia visualiza o movimento "como um conjunto de alavancas, dobradiças e vetores de forças representados por músculos, articulações e seus possíveis arcos. [...] a cinesiologia está próxima à mecânica e à engenharia". Em seguida, ressalta que *"as ações humanas são muito mais que arcos cinesiológicos. [...] A cada qualidade de movimento há sempre uma combinação muscular inédita, fato que a visão reducionista praticada pela cinesiologia não consegue dar conta"*. Conclui que *"o movimento, na cinesiologia, é abstrato, [...] sem vinculação com o fazer. [...] Propostas terapêuticas que se baseiam exclusivamente na cinesiologia não reabilitam o movimento humano, [...] mas sim, voltam-se [...] para a reconquista de um arco de movimento"*.

Observando o gesto humano fica fácil perceber a necessidade de adotar uma visão que vá além da cinesiologia. Cada movimento humano é diferente se comparado com o de uma pessoa de diferentes faixa etária, gênero, cultura, classe social, e o é diferente até no mesmo indivíduo em diferentes momentos. Se o reabilitador considerar um gesto apenas com o enfoque cinesiológico, sem uma reflexão sobre o seu significado, estará a empobrecê-lo substancialmente.

O aperto de mão carregado de emoção, por exemplo, é um movimento repleto de sentidos que transcendem o ato. Napier (1983) lembra que o aperto de mão pode ser realizado de diversas formas, pode ser "flácido, frio, cordial, vigoroso e sensual". Boff (1999) diz que *"há algo nos seres humanos que não se encontra nas máquinas: [...] o sentimento, a capacidade de emocionar-se, de envolver-se, de afetar e de sentir-se afetado. [...] A dinâmica básica do ser humano é o pathos, é o sentimento"*.

Ao falar de expressão gestual Kapandji (1990) ressalta que a mão "desempenha um papel primordial

no contato social, sobretudo afetivo. [...] O gesto mais banal da vida cotidiana do homem ocidental, o aperto de mão, representa um contato carregado de significado simbólico". Esse autor divide a expressão gestual em codificada, como no caso da comunicação entre surdos-mudos, e instintiva, que segundo ele "constitui uma segunda linguagem; diferentemente do sistema de comunicação falada, seu significado é universal". Como exemplo, cita o aplauso em sinal de aprovação, o indicador apontado em sinal de acusação etc.

Napier (1983) diz que "seja como for, o gesto constitui um enriquecimento da comunicação e um aperfeiçoamento da compreensão entre indivíduos. É a linguagem oculta que não tem vocabulário nem gramática. Permite que se expressem coisas que nunca poderão ser faladas". E conclui que "se a linguagem foi concedida aos homens para esconderem seus pensamentos, então a finalidade dos gestos foi revelá-los".

Vázquez (1990) afirma que "as mãos exprimem de modo sensível e concreto relações humanas, quer entre indivíduos, quer entre grupos sociais. E essa capacidade da mão de demonstrar os sentimentos [...] tem por base sua estreita vinculação com a consciência". Kapandji (1990) complementa, afirmando que "frequentemente o gesto substitui a palavra e é suficiente por si só para exprimir os sentimentos e as situações". Merleau-Ponty (1994) exemplifica a diferença entre um gesto e uma ação desprovidos de intenção da seguinte forma:

Quando faço sinal para um amigo se aproximar, minha intenção não é um pensamento que eu prepararia em mim mesmo, e não percebo o sinal em meu corpo. Faço sinal através do mundo [...] seu consentimento [do amigo] ou sua recusa se lêem imediatamente em meu gesto [...] a percepção e o movi-

mento formam um sistema que se modifica como um todo. Se, por exemplo, percebo que não quero obedecer-me, e em consequência modifico meu gesto [...] meu gesto de impaciência nasce dessa situação. [...] Se agora executo "o mesmo" movimento, mas sem visar nenhum parceiro, [...] quer dizer, se executo uma "flexão" do antebraço sobre o braço com "supinação" do braço e "flexão" dos dedos, meu corpo, que havia pouco era o veículo do movimento, torna-se sua meta; seu projeto motor não visa mais alguém no mundo, visa meu antebraço, meu braço e meus dedos, e os visa enquanto eles são capazes de romper sua inserção no mundo.

Como ressalta Napier (1983), "o gesto constitui parte notável de nossa vida cotidiana". Para dar uma idéia da importância do gesto, cita Paget (1869-1955), que afirma que "o homem pode fazer 700 mil gestos diferentes". Napier (1983) diz que "a dança indiana compreende pelo menos quatro mil posições das mãos e dedos, as quais, quando coreografadas, contam uma história ou ilustram um mito". E acrescenta que "em Samoa e muitas outras ilhas da Polinésia, são características as danças que consistem quase puramente em gestos das mãos".

Conforme expressa Gonçalves (1997, p. 103), "A linguagem corporal, que se expressa [...] nas mãos [...] em toda a presença do corpo, permite uma compreensão do Outro de forma direta [...] uma apreensão do sentido de seu gesto [...] de sua emoção de seus sentimentos". Segundo Merleau-Ponty (1994), "não há um só movimento em um corpo vivo que seja um acaso absoluto em relação às intenções psíquicas, nem um só ato psíquico que não tenha encontrado pelo menos seu germe ou seu esboço geral nas disposições fisiológicas".

Medina (1996) enfatiza que "o ser humano se movimenta sempre de

uma forma simbólica e expressiva. Aquele que não procura interpretar estas significações não pode estar sabendo exatamente o que está fazendo".

E acrescenta que:

"... As sinergias musculares que caracterizam fisiologicamente o movimento humano serão tanto mais ricas quanto mais trouxer em seu bojo uma expressão significativa da própria vida. Caso contrário, tornam-se gestos mecânicos em nada diferentes daqueles de que é capaz um robô ou uma máquina qualquer. Ampliar esta significação é papel de uma Educação Física [e também de todos os profissionais da área de reabilitação] plenamente consciente de seu valor humano."

O simbolismo das mãos

É interessante notar a quantidade de expressões que envolvem a mão, como por exemplo: pedir a mão de (pedir em casamento); conhecer algo como a palma de minha mão (conhecer muito bem); por a mão na consciência (ponderar melhor); mão de ferro (governo tirano); de mão-cheia (ótimo); mão-de-obra (trabalho manual); abrir mão de (desistir de); dar a mão à palmatória (reconhecer o erro); de mão beijada (gratuitamente); com a mão na massa, trabalhando; ficar na mão (ser logrado); lavar as mãos (eximir-se de responsabilidade, gesto simbólico de Pôncio Pilatos; meter a mão em cumbuca (cair em esparrela); não pôr as mãos no fogo por alguém (duvidar de); nota-se aqui a mão de Castro Alves (o estilo); mão no trânsito (o lado direito de quem dirige um veículo); mão francesa (escora inclinada pregada em ambas as extremidades); estar à mão (estar próximo); com uma mão na frente e outra atrás (sem recursos); os bens passaram para as mãos dos credores (transferência de posse); dar uma mãozinha (dar uma ajuda); uma mão lava a outra e as duas lavam

o rosto (ajuda mútua e união); mão aberta (pessoa generosa); mãos limpas (integridade) etc.

Os quiromantes vêem as mãos “como uma espécie de arquivo sobre a vida passada e futura (...) através do estudo das linhas, montes, vales e demais configurações encontráveis nas palmas das mãos, além de forma, tamanho e textura das próprias mãos” (Gonçalves, 1974).

Outro fator que liga a idéia de mãos à individualidade do ser humano é que nos dedos se encontram as impressões digitais que são usadas para identificar cada pessoa. Napier (1983) esclarece que “as impressões digitais são imutáveis e persistentes. Elas podem ser obliteradas temporariamente, mas seu padrão original acabará sendo restaurado”. E acrescenta que “são inteiramente individuais. Ainda não foi registrado um só caso em que dois dedos separados possuam os mesmos detalhes nas saliências papilares”.

Conforme afirma Pardini (1990), “A mão é simbolizada através do desenvolvimento da humanidade por antropologistas, anatomistas, filósofos, médicos, e artistas”. Segundo Souzennelle (1984), mão, em hebraico, é *yad*, está ligada ao conhecimento. *Yada* significa “eu conheço”, e também quer dizer “eu amo”. O autor prossegue: “Escutemos, toquemos e saibamos sentir. Tudo o que pode constituir o objeto de nossa meditação está aí, ao alcance de nossa “mão”, com a condição de que nossa mão seja um prolongamento de nosso coração”. O que remete ao apelo de São Camilo de Lellis aos profissionais da saúde, quando dizia: “Mais coração nas mãos, irmãos”, pedindo que os profissionais unissem a técnica representada pelas mãos ao amor representado pelo coração em prol de um atendimento mais humano.

Visão holística

A visão holística pode ser definida, de uma forma geral, como a

visão de um determinado fenômeno como um todo, ou seja, levando em consideração todos os fatores que estejam influenciando o fenômeno observado. No cenário atual da saúde, nota-se que há um intenso empenho em prol do resgate do paradigma holístico. A visão holística enfoca sempre o indivíduo do ponto de vista do microcosmo e do macrocosmo, isto é, vislumbra desde a menor partícula que forma o homem até esse homem inserido em seu meio.

Do ponto de vista do microcosmo, cada parte representa o todo, como postula Di Biase (1995): “Cada célula de nosso corpo possui em seu núcleo toda a informação genética sobre todo o corpo”, o que Brikman (1989) reforça ao afirmar que “cada partícula do corpo, cada célula, repete a função criadora total do ser humano”.

Do ponto de vista do macrocosmo, o todo interage com as partes, assim, Bruno (1993) postula que: “... o desenvolvimento humano é um processo sistêmico complexo, que não apenas passa pela dimensão biofisiológica e cognitiva, mas depende também da relação social e afetiva. [...] O homem se constrói de uma maneira holística, buscando desenvolver suas possibilidades através de todas as experiências significativas — sociais, afetivas ou cognitivas — como um todo indivisível.”

As mãos na visão holística

Ao descrever a mão, Napier (1983) esclarece que “o conceito de posição anatômica deriva da postura em que os cadáveres humanos eram suspensos [...] para dissecação”. O que remete a Kielhofner (1987) quando diz que “aprendemos a respeito do corpo morto, e não do corpo vivo. O corpo dissecado revela os tecidos e órgãos dos quais ele é composto, mas ao mesmo tempo esconde aquilo que, enquanto corpo vivo, sabia fazer”. Backhouse, Hutchings (1989) referem que “o aprendizado da estrutura ana-

tômica pouco vale sem a visão essencial do que ela é e de como funciona no indivíduo vivo normal”.

Quando autores conceituam a mão como instrumento, a exemplo de Aristóteles, que se referia a ela como “o instrumento dos instrumentos”, é possível notar que a mão é colocada no lugar de objeto. Contrariando esta visão, Merleau-Ponty (1994) faz a seguinte reflexão: “quando toco minha mão direita com a mão esquerda, o objeto mão direita tem esta singular propriedade de sentir, ele também”. Em seguida nos dá outro exemplo procurando esclarecer a impossibilidade de se ver as mãos como objetos:

“... quando pressiono minhas mãos uma contra a outra, não se trata então de duas sensações que eu sentiria em conjunto, como se percebem dois objetos justapostos, mas de uma organização ambígua em que as duas mãos podem alterar-se na função de “tocante” e de “tocada”. [...] O corpo surpreende-se a si mesmo [...] ele tenta tocar-se tocando, ele esboça “um tipo de reflexão”, e bastaria isso para distingui-lo dos objetos.”

E mais adiante diz: “o sujeito posto diante de sua tesoura, sua agulha e suas tarefas familiares não precisa procurar por suas mãos ou seus dedos porque eles não são objetos [...] mas potências já mobilizadas pela percepção da tesoura ou da agulha”. De acordo com Kielhofner (1987), “na vida diária, a nossa mão que vive não é a mão de ossos, músculos, nervos, e ligamentos. É um outro tipo de mão, que participa do mundo, se comunica, trabalha, reza e ama”. E Merleau-Ponty (1994) afirma que “o homem concretamente considerado não é um psiquismo unido a um organismo, mas este vaivém da existência”.

Reilly, apud Kielhofner (1987), faz a seguinte reflexão: “aquele homem, através do uso de suas mãos, à medida que elas são energizadas pela sua mente e sua vontade, pode influenciar o estado de sua própria saúde”. Kielhofner (1987) acredita que o

fenômeno é exatamente o oposto, afirmando que *"não é a mente e a alma que energizam as mãos, mas sim o uso das mãos que vitaliza a mente e a alma"*. Porém, como visto no decorrer do presente estudo, o corpo nunca é puramente físico, mas uma constante dialética com a mente e com o espírito, que não atua sobre esse em uma simples relação de causa e efeito, mas o envolve como uma presença, que faz do corpo um corpo humano. Portanto, pode-se dizer que não só as mãos, mas todo o corpo, mente e alma se energizam mutuamente por meio da vontade e possibilidade biopsicossocial de interagir consigo e com o mundo.

A visão da terapia ocupacional

É indispensável ao terapeuta ocupacional refletir sobre a importância da integridade do ser humano por intermédio de uma visão holística. De acordo com Araújo (1993). *"usar as mãos significa entrar em contato com o mundo, sentir, perceber, comunicar, expressar, buscar independência, ver, fazer, falar"*. Ainda segundo Araújo, citado em Vaz, (1993):

"... os danos não serão somente estéticos, como uma deformidade, ou somente a perda de movimentos, que acarrete em mudanças totais ou parciais de hábitos. É muitas vezes o somatório de tudo isto acrescido ao impedimento de manter contato com o mundo, de sentir, explorar por um dos mais antigos e eficazes meios: A mão."

E conclui dizendo que:

"Todas as vezes que nos defrontamos com [pessoas com] as diversas patologias ou lesões que comprometem o uso das mãos [...] devemos considerá-las mais atentamente, sabendo que nunca se compromete somente a funcionalidade, mas interfere-se em um todo, e especialmente em um dos veículos mais especializados de nossa interação com o mundo."

Dentro da perspectiva da terapia ocupacional as ações motoras têm um sentido subjetivo enraizado na história individual de cada um, ao mesmo tempo em que possuem um sentido intersubjetivo que se configurou ao longo do processo histórico-social. O trabalho do terapeuta ocupacional está voltado para o ser humano tanto em sua dimensão pessoal como social.

Assim, ao orientar atividades, o terapeuta ocupacional deve procurar levar o usuário a vivenciar autênticas experiências corporais em que o sujeito envolva seus movimentos com sua subjetividade para que eles se tornem seus e brotem de sua interioridade, contribuindo para a desalienação.

Dessa forma, as particularidades corporais irreversíveis, como as deficiências, podem ser integradas a sua maneira de ser e, em vez de se constituir em causa de escravidão, podem ser ocasião de uma maior liberdade. Gonçalves (1997) lembra que *"liberdade significa a possibilidade de integrar os limites de ordem física e os limites de ordem vital à totalidade dialética consciência-corpo, transformando esses limites (...) num projeto existencial que vincula o homem a seu mundo"*.

A terapia ocupacional, partindo de sua premissa básica, numa efetiva interação terapeuta-usuário-atividade, envolve o indivíduo como um todo, não podendo assim, ignorar a questão da liberdade. A sua prática terapêutica pode ser meio de levar o usuário a conquistar a autonomia, facilitando a ele ampliar seu campo de experiências, pois novas experiências levam a novas significações, e associar suas condutas em um grau de maior integração.

Recurso terapêutico: Atividade humanizadora

Partindo do pressuposto de que a diferença fundamental, entre os

seres humanos e os outros seres vivos, é a possibilidade de sua consciência, fica evidente, conforme argumenta Medina (1996), *"que toda atividade será mais ou menos humana na medida que vincula ou desvincula a ação à reflexão"*.

"A principal marca da terapia ocupacional no que concerne à utilização dessas atividades consiste em não ficar puramente numa aproximação teórica desses recursos, mas principalmente vivenciá-los — desenhar, pintar, esculpir, fotografar, filmar, dançar, atuar, construir objetos — e viver o corpo, ouvi-lo, estar atento, perceber sua linguagem, desenvolver práticas de cuidado." (Araújo, 1993).

Castro (1999) observa que *"Este processo transforma o terapeuta e o paciente, pois através dele ocorre uma retomada da unidade interna da natureza humana, e uma reunião dos fragmentos que a cultura da especialização e do isolamento nos impõe"*. Portanto, a atividade terapêutica deve ser percebida dentro de uma totalidade, caso contrário, torna-se alienante.

Kapandji (1990), ao descrever atividades artesanais, cita como exemplo a atividade de oleiros, afirmando que sua mão se coloca em três papéis simultaneamente: "papel efetivo na moldagem do objeto; papel sensorial para reconhecer sua forma, que se modifica permanentemente sob seu carinho-trabalho; e [...] significado simbólico, gesto de oferenda de sua criação à coletividade dos homens". E acrescenta que *"é este caráter completo do gesto criativo do artesão que possui todo o valor"*.

Ao refletir acerca da importância da realização de atividades, Ferrigno (1990) postula que *"a execução de atividades é a própria expressão do ser humano, é a objetivação do homem, e possibilita uma reflexão profunda sobre o verdadeiro valor do fazer"*. Medina (1996) chama a atenção para o fato de que *"só ao humano é permitida a percepção de si mesmo, dos outros,*

dos seus próprios atos, do mundo e de toda uma realidade que o caracteriza, ao mesmo tempo em que pode ser modificada artificial e intencionalmente por ele". O que remete às reflexões de Merleau-Ponty (1994):

[...]tenho consciência de meu corpo através do mundo [... se] não posso mais, se sou amputado, juntar-me efetivamente a ele, os objetos manejáveis [...]interrogam uma mão que não tenho mais. [...]elas preparam um vazio que a história do paciente vai preencher [...]dar-se um corpo habitual é uma necessidade interna para a existência mais integrada.

Portanto a sessão de terapia ocupacional, planejada com o usuário, realizada em contato com diferentes espaços e materiais e em interação com outros usuários, considerando que o ser humano é um ser de relação por excelência, é uma oportunidade de realização de atividades expressivas, repletas de sentido, associadas ao afeto, lembranças e perspectivas.

Assim, o terapeuta ocupacional se encontra engajado numa práxis que visa a construção histórica de um mundo mais humano, identifica-se com um projeto mais amplo de transformação da sociedade por intermédio de sua prática, empenhando-se em favorecer aos usuários de terapia ocupacional maiores autonomia e independência para auto-realização e para serem sujeitos de sua história.

Relação reabilitador-reabilitando

No passado, o ser humano possuía maior integração com seu corpo, por viver da caça, por precisar de se defender etc. Com a civilização, os gestos foram se tornando formalizados "bons modos", e os impulsos naturais, tanto de raiva quanto de afeto, foram sendo podados, rompendo assim com a natureza, reprimindo a espontaneidade e, conseqüentemente, criando

uma constante tensão interna, geradora de estresse e um sentimento de inadequação. Gonçalves (1997) designa este fenômeno de descorporalização. Napier (1983) oferece um exemplo marcante do controle proposital sobre os gestos quando cita que "o político [...] dos tempos modernos é colocado numa mesa ou poltrona, dependendo do grau de formalidade requerida, com os movimentos de braços e mãos restringidos e, na maioria das vezes, fora do enquadramento".

Para o profissional que se propõe a trabalhar com reabilitação é de fundamental importância à compreensão do problema da descorporalização, para que um dos seus objetivos possa ser o resgate da articulação do gesto espontâneo, buscando a harmonia do ser humano.

Conforme esclarece Gonçalves (1997) existem dois tipos básicos de atitudes perante o outro, e cada uma dá origem a um tipo de relação, conforme se segue:

"A relação Eu-Objeto reflete a atitude do homem diante do outro, em que este é visto não como uma realidade independente do Eu, mas como objeto, mercê do próprio Eu, de suas fantasias e de seus sentimentos e objetivos particulares. Na relação Eu-Tu há um verdadeiro encontro, em que o Outro é visto em sua identidade própria, como também um Eu que possui suas próprias aspirações, seus próprios objetivos, sentimentos e uma história pessoal que constitui sua maneira peculiar de ser-no-mundo. A relação Eu-Objeto empobrece o homem enquanto a relação Eu-Tu, em que se dá o encontro de duas identidades diferentes abre o homem para a compreensão do Outro como uma entidade que existe por si mesma.

Para isso, é importante que o profissional desmistifique para os usuários as relações de dominação

entre reabilitador e reabilitando. Permitindo assim propiciar vivências em que o usuário participe como unidade existencial numa interação consigo e com o mundo e que forme seus próprios significados de movimentos exprimindo no exterior sua atividade interna, encorajando a criatividade e recuperando a sua dignidade por meio de atividades verdadeiramente humanizadoras.

Outro ponto importante a ser considerado é que não raro profissionais da reabilitação se defrontam com pessoas fisicamente capazes que não estão fazendo uso de todos os seus potenciais, como por exemplo, no seguinte caso clínico.

Sacks (1997) conta em seu livro que recebeu como paciente uma senhora muito culta com cegueira congênita e paralisia cerebral, apresentando hipertonia e atetose brandas, que nunca havia usado as mãos nos seus sessenta anos de vida, sendo que não havia déficit sensitivo e o comprometimento motor não justificava o desuso. O fato é que ela não explorava nenhum objeto que fosse colocado em suas mãos. Segundo as palavras de Sacks (1997), "não havia movimentos 'interrogativos' ativos em suas mãos [...]ela jamais se alimentara sozinha [...]ou estendera o braço para pegar alguma coisa, sempre deixando que outros o fizessem por ela". Sacks (1997), conclui que tem diante de si uma pessoa "sem o poder de dizer 'percebo, reconheço, quero, atuo' no que dizia respeito às suas mãos", e decide que esta senhora precisaria sentir a necessidade de buscar algo. Isto feito, orientou a enfermagem a deixar algum alimento ao alcance de suas mãos e atrasar os horários das refeições. Esse procedimento foi seguido até que um dia ela se impacientou e bateu até encontrar o alimento. "Seu primeiro ato manual [...] marcou seu nascimento como 'indivíduo motor' [...] marcou também sua primeira

percepção manual e, assim, seu nascimento como um 'indivíduo perceptivo' completo". Desse dia em diante passou a explorar os objetos e as pessoas, esculpindo em argila, com habilidade de artista, o que descobria.

Portanto, ao receber uma pessoa que a despeito do seu potencial não esteja fazendo pleno uso de suas potencialidades corporais, cabe ao profissional de reabilitação, em seu papel catalisador, criar situações que convidem o indivíduo a interrogar a si mesmo e ao mundo.

Conclusão

Tendo o intuito de refletir sobre a reabilitação "física", em busca de seu sentido mais profundo, pode-se compreender que o reabilitador, ao exercer sua profissão e enquanto atende às demandas físicas, tem o dever ético de assumir e manter sempre a visão holística, conside-

rando o ser humano como um todo, sabendo que seja qual for a dificuldade física que se apresente ela se reflete em todo o ser e em todas as suas relações.

Portanto, além de estudar anatomia, biomecânica, cinesiologia e outras disciplinas que se referem ao físico, é de fundamental importância compreender que a atividade humana não se resume a movimentos mecanizados, estabelecidos por um corpo que percorre um espaço fixo, objetivo, mas relações dialéticas que brotam de sua essência, da união com a subjetividade que a anima.

Diante dos pontos abordados, torna-se evidente que habilitar ou reabilitar significa ir muito além de favorecer a habilidade para a função mecânica, significa propiciar condições para o desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores que possam refletir a ação consciente como um processo contínuo e dinâmico de constitui-

ção da identidade do sujeito historicamente contextualizado.

A revolução tecnológica e as profundas mudanças que vêm se instalando na sociedade pós-industrial sinalizam novas questões que precisam ser avaliadas por sua potencialidade inerente de afetar a vida do indivíduo e suas relações. Desse modo, ressalta-se como de extrema importância para os profissionais da saúde o aprofundamento das reflexões levantadas acerca da influência da era pós-industrial mediada pela visão holística com o objetivo de reavaliar e criar caminhos que possibilitem a habilitação ou reabilitação do ser humano frente às demandas atuais.

Percebe-se assim com muita clareza que este assunto é bastante vasto e que não se conclui jamais, uma vez que a humanidade está inserida em um processo de constante desenvolvimento. Portanto, essa reflexão deve estar em permanente evolução.

REFERÊNCIAS

- Almeida MVM. A arquitetura do movimento: da reabilitação ao devir pelo corpo na Terapia Ocupacional. In: VI Congresso brasileiro de Terapia Ocupacional: Trajetórias e perspectivas da Terapia Ocupacional; 1999 set 28 a out 01; Águas de Lindóia.
- Backhouse KM, Hutchings RT. Atlas colorido de anatomia de superfície: Clínica e aplicada. São Paulo: Manole; 1989.
- Bobath B. Hemiplegia no adulto: Avaliação e tratamento. São Paulo: Manole; 1978.
- Boff L. Saber cuidar: Ética do humano — compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes; 1999.
- Brilman L. A linguagem do movimento corporal. São Paulo: Summus; 1989.
- Bruhns HT. O corpo parceiro e o corpo adversário. Campinas: Papyrus; 1993.
- Bruno MMG. O desenvolvimento integral do portador de deficiência visual: Da intervenção precoce a integração escolar. São Paulo: Newsworld; 1993.
- Cailliet R. Mão: Dor e incapacidade. São Paulo: Manole; 1976.
- Castro ED. Arte, corpo e Terapia Ocupacional: Aproximações intersecções e desdobramentos. In: VI Congresso brasileiro de Terapia Ocupacional: Trajetórias e perspectivas da Terapia Ocupacional; 1999 set 28 a out 01; Águas de Lindóia.
- Dângelo JG, Fattini CA. Anatomia humana sistêmica e segmentar: para o estudante de medicina. 2.ed. Rio de Janeiro: Atheneu; 1997.
- Di Biasi F. O homem holístico: A unidade mente-natureza. Petrópolis: Vozes; 1995.
- Ferrigno ISV. Reflexões sobre as questões do corpo na relação terapêutica. Rev Ter Ocup. 1990;1:27-32.
- Freitas ED. Manual prático de reeducação motora do membro superior na hemiplegia: Fundamentado no método Brunnstrom. São Paulo: Memnon; 2000.
- Germain BC. Anatomia para o movimento: Introdução à análise das técnicas corporais. São Paulo: Manole; 1992.

- Gonçalves A. Homem, mito e magia. São Paulo: Três; 1974.
- Gonçalves MAS. Sentir, pensar, agir: Corporeidade e educação. 2.ed. Campinas: Papirus; 1997. Graça W. Preensão. Winston's Homepage. Apresenta textos sobre Medicina e Reabilitação. Disponível em: <http://www.geocities.com/SoHo/Lofts/7254/medtext6.html>. Acesso em: 15 set. 2001.
- Hoppenfeld S. Propedêutica ortopédica: Coluna e Extremidades. São Paulo: Atheneu, 1999.
- Kapandji IA. Fisiologia articular: Esquemas comentados da mecânica Humana. São Paulo: Manole; 1990.
- Kielhofner GW. Uma meditação sobre o uso das mãos: O corpo vivo e suas implicações para a Terapia Ocupacional. In: V Congresso brasileiro e IV Simpósio latino americano de Terapia Ocupacional; 1997 out 28-31; Belo Horizonte.
- Macdonald EM. Terapia Ocupacional em reabilitação. 4. ed. São Paulo: Editora Santos; 1998.
- Medina JPS. A educação física cuida do corpo... e "mente". 14. ed. Campinas: Papirus; 1996.
- Medina JPS. O brasileiro e seu corpo. 3. ed. Campinas: Papirus; 1991.
- Merleau-Ponty M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes; 1994.
- Napier JR. A mão do homem: Anatomia, função, evolução. Rio de Janeiro: Zahar; 1983.
- Pardini Júnior AG. Cirurgia da mão: Lesões não traumáticas. Rio de Janeiro: Medsi; 1990.
- Pardini Júnior AG. Traumatismo da mão. 2.ed. Rio de Janeiro: Medsi; 1992.
- Porto ETR. Corpo-Movimento-Vida: Ser 'diferente-deficiente'. Corpoconsciência. 2000;6:53-68.
- Sacks O. O homem que confundiu sua mulher com um chapéu: e outras histórias clínicas. São Paulo: Companhia das Letras; 1997.
- Santa'Ana DB. Corpo e história. Cad Subj. 1993;1(1):243-266.
- Smith LK, Weiss EL, Lehmkuhl LD. Cinesiologia clínica de Brunnstrom. 5.ed. São Paulo: Manole; 1997.
- Souzenelle A. O simbolismo do corpo humano: Da árvore da vida ao esquema corporal. São Paulo: Pensamento; 1984.
- Toyoda CY. As atividades e o relacionamento interpessoal dos pacientes hansenianos com perda de sensibilidade nas mãos. Cad Ter Ocup. 1996;5(1):45-52.
- Tubiana R, Thomine JM, Mackin E. Diagnóstico clínico da mão e do punho. 2.ed. Rio de Janeiro: Interlivros; 1996.
- Vaz LR, Silva OLR, Araujo RP. Terapia Ocupacional: A paixão de imaginar com as mãos. Rio de Janeiro: Cultura Médica; 1993.
- Vazquez AS. Filosofia da práxis. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra; 1990.
- Vollet FRC, Nadri TSM. Avaliação da mão. In: VI Congresso brasileiro de Terapia Ocupacional: Trajetórias e perspectivas da Terapia Ocupacional; 1999 set 28 a out 01; Águas de Lindóia.
- Winnicott DW. A natureza humana. Rio de Janeiro: Imago; 1999.
-

Recebido em 23 de novembro de 2005
Aprovado em 20 de dezembro de 2005